

O TRAUMA E A DESESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA: UM OLHAR FREUDIANO E KLEINIANO¹

Gabriela Carrano Lelis²

Bruno Quintino de Oliveira³

Resumo:

O artigo explora a teoria da dualidade pulsional, relacionando-a ao funcionamento das pulsões no acontecimento traumático, com o objetivo de analisar seus possíveis desdobramentos no processo de desintegração da estrutura psíquica. Para isso, o estudo aborda a dimensão psíquica conflitiva, na qual os mecanismos de defesa do Eu, que atuam sobre estímulos externos, podem ser acionados a se proteger do fluxo pulsional do próprio interior, inundado por excitações, com o objetivo de dominar esses estímulos e estabelecer ligações com o psiquismo. A pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão de literatura circunscrita na teoria psicanalítica. A revisão incluiu tanto textos clássicos da psicanálise, como os de Sigmund Freud e Melanie Klein, quanto seus sucessores no delinear dessa construção teórica. Por fim, este trabalho permitiu um aprofundamento na compreensão dos impactos da irrupção pulsional e dos mecanismos de defesa que se apresentam no contexto do trauma. Com isso, tornou-se evidente que mecanismos como a cisão e a identificação projetiva, apesar de utilizados para a preservação da integridade e subjetivação do sujeito, resultam em consequências por vezes graves, tal qual a desestruturação do Eu. Isso porque as circunstâncias desfavoráveis em que inicialmente se encontra, sem preparo psíquico suficiente, favorecem a atuação dessas defesas consideradas arcaicas.

Palavras-chave: Dualidade Pulsional. Trauma. Mecanismos de defesa. Desestruturação psíquica.

Abstract:

The article explores the theory of drive duality, relating it to the functioning of drives in traumatic events, with the aim of analyzing its possible consequences in the process of disintegration of the psychic structure. To this end, the study addresses the defensive conflictive psychic dimension, in which the self's defense mechanisms, which act on external stimuli, can be activated to protect itself from the drive flow from its own interior, flooded with excitations, with the aim of dominating these stimuli and establishing links with the psyche. The research is qualitative and exploratory, developed through a review of

¹ Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 27/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 21/11/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: gabriela.carrano.lelis@gmail.com

³ Mestre em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: brunooliveira@uniacademia.edu.br

specialized literature on psychic destructuring in the face of trauma. The review included both classic psychoanalytic texts, such as those by Melanie Klein and Sigmund Freud, and their successors in outlining this theoretical construction. Finally, the research allowed us to deepen our understanding of the impacts of drive irruption and the defense mechanisms that arise in the context of trauma. As a result, it became clear that mechanisms such as splitting and projective identification, although used to preserve the integrity and subjectivation of the subject, result in serious consequences, such as the destructuring of the Self. This is because the unfavorable circumstances in which they initially find themselves, without sufficient psychic preparation, favor the performance of these defenses considered archaic.

Keywords: Dualistic drive. Trauma. Defense mechanisms. Psychic destructuring.

1 INTRODUÇÃO

Na cultura contemporânea, as formas de sofrimento psíquico são marcadas por características como o esvaziamento da interioridade, empobrecimento linguístico e fantástico além de certo distanciamento de si e do mundo, associados à alguma recusa do reconhecimento das dimensões subjetivantes e constitutivas da estruturação psíquica. Com isso, a experiência do afeto da angústia, entendida como uma inquietude básica e existencial do sujeito, perde espaço para a angústia de morte, vivida como uma experiência de horror e medo de aniquilamento. A cultura do consumo de imagens influencia na dinâmica de relacionamentos sociais e experiências existenciais humanas, que são pautadas em uma espécie de aprisionamento imagético sem reconhecimento das próprias subjetividades (Maia, 2003).

De acordo com Freud (1926/2014), a angústia possui duas modalidades de origem. Uma delas, a angústia sinal, caracteriza-se como uma defesa psíquica, que se manifesta através de uma reação afetiva, a irrupção da angústia, e da ação protetora, a sinalização para a angústia da eminência de uma situação de perigo, como a expectativa para enfrentar o desamparo do trauma ou uma repetição abrandada deste. Por outro lado, a angústia automática se caracteriza por seu caráter disruptivo, pelo princípio de uma situação de perigo sem precedentes, assim como ocorre no próprio nascimento, que abre margens para a constituição traumática.

Na ausência de registros simbólicos que viabilizem uma estruturação, narcísica do sujeito, em muitos casos, a interação entre o Eu ideal e o Ideal de eu é prejudicada, à medida em que o registro imagético, que se torna “único” no imaginário. A fim de restituir a dimensão narcísica, entram em cena as práticas corporais e o apelo ao autoerotismo, concomitantes a investimentos pulsionais parciais direcionados às feridas narcísicas que ameaçam a própria integridade do Eu (Maia, 2002).

Este artigo desenvolve o estudo do trauma para a compreensão do fenômeno da desestruturação psíquica, tendo em vista que o acontecimento traumático pode despertar no aparelho psíquico mecanismos de defesa arcaicos associados ao processo de não elaboração e simbolização de vivências. Assim, com a operação de recalçamento, os conteúdos traumáticos se transformam em representações inconscientes, porém permanecem passíveis de serem reintegradas à vida psíquica através do trabalho de elaboração das vivências recalçadas, por meio de um investimento saudável no funcionamento da “compulsão à repetição”, que conferiria a restituição das experiências traumáticas ao psiquismo.

Nesse sentido, Maia (2003) enfatiza que o traumático perde a condição de um encontro do sujeito apenas com o que constitui sua exterioridade, encarando o próprio excesso pulsional do aparelho psíquico como ameaça similar, alvo de seu sistema de defesas. Assim, a relação entre as forças de excitações que invadem o psiquismo, de forma abrupta, e a reserva energética disponível para responder a esse desequilíbrio imposto ao organismo são determinantes para a constituição de um acontecimento como traumático.

Melanie Klein (2023), em seu texto **Notas sobre alguns mecanismos esquizoides**, enumera defesas típicas do Eu arcaico, tais como os mecanismos de cisão de objetos e de impulsos, idealização, negação da realidade interna e externa, e abafamento das emoções. Ademais, a autora sugere que alguns desses mecanismos estão estreitamente ligados à projeção e à introjeção, assim como à cisão, enfatizando seu interesse com relação a conexão entre cisão, idealização e negação. Klein (2023) assinala que o curso de desenvolvimento do Eu e suas relações de objeto, no que diz respeito aos

estágios iniciais de desenvolvimento da personalidade, seria favorecido pelo alcance do equilíbrio entre projeção e introjeção.

Dentro desse contexto teórico, este artigo analisa a desestruturação psíquica a partir dos mecanismos de defesa do Eu, acionados por meio das dinâmicas pulsionais intrincadas no fenômeno do trauma e enfatiza a importância do processo de elaboração psíquica em eventos traumáticos. Com isso, a pesquisa investiga o seguinte problema: como os mecanismos de defesa do Eu frente ao trauma podem afetar a integridade da estrutura psíquica?

Trazemos como hipótese que a dimensão psíquica conflitiva defensiva procedente da irrupção pulsional do aparato psíquico demonstraria que as reações de defesa do Eu, sobre influência de ameaças pulsionais internas, estariam associadas à desestruturação do Eu. A presente pesquisa é de caráter exploratório, realizada a partir de uma abordagem qualitativa e desenvolvida por meio de uma revisão de literatura voltada para o tema da desestruturação psíquica frente ao trauma, com base em textos de Melanie Klein e Sigmund Freud, bem como de autores que deram continuidade às suas teorizações psicanalíticas.

Na sessão seguinte, o artigo aborda a reformulação da teoria pulsional de Freud, a partir da proposição da dualidade pulsional, ou seja, a coexistência de duas pulsões, de vida e de morte, na composição da totalidade da economia psíquica. Do mesmo modo, o autor se questiona quanto a própria teoria sobre a predominância do princípio do prazer na vida mental. De acordo com Laplanche e Pontalis (1991), a atividade psíquica regida pelo princípio do prazer está orientada para evitar desprazer e proporcionar prazer, associando ao aumento da quantidade de excitação psíquica ao desprazer e a redução ao prazer. Assim, ao se deparar com o redirecionamento dos esforços psíquicos em situações extremas, voltados para a tentativa de dominar e vincular os estímulos de prazer e desprazer. Desviando-se, então, da narrativa do princípio do prazer, as pulsões são caracterizadas por uma busca constante pela satisfação e consequente rebaixamento dos níveis de excitação total do campo mental. Por fim, surge um novo paradigma associado à capacidade do aparato

psíquico se proteger de estímulos externos e principalmente à de responder defensivamente aos estímulos invasores internos.

Na seção 3, por sua vez, a discussão se volta à análise do trauma, associado à invasão de um psiquismo em estado de escassez libidinal, que se encontra despreparado para receber determinado fluxo de excitações e incapacitado de estabelecer ligações entre os estímulos invasores e o próprio psiquismo. Dessa forma, o sujeito que se encontra desprovido de defesas internas está sujeito à instauração do trauma, à medida em que a pulsão de morte não é defletida ou projetada para o exterior, como defesa. O trauma se instaura então, frente à incapacidade de elaboração, simbolização e registro dessas energias que invadem o psiquismo. Além disso, o traumático pode ser recalcado como forma de defesa inconsciente, mas ressurgir insistentemente através de representações inconscientes, por meio da compulsão à repetição.

Na seção 4, por fim, o artigo discorre sobre a desestruturação psíquica. A estrutura psíquica possui mecanismos de defesa que atuam para defender o Eu e sua integridade, contra a ansiedade e estímulos que ameacem sua coesão interna. Entretanto, algumas defesas podem representar riscos e até mesmo conduzir o Eu a um estado de desestruturação. Dentre esses mecanismos, o artigo delinea características acerca da projeção, a introjeção, a gratificação alucinatória, a negação, a identificação projetiva e a cisão do objeto e do Eu. Entre esses, a negação, a cisão e a identificação projetiva foram exploradas com o objetivo de destrinchar sua relação com o processo de desestruturação psíquica, relacionado ao trauma e à dinâmica pulsional.

2 A ECONOMIA PSÍQUICA: A DUALIDADE PULSIONAL

Sigmund Freud (1920/2006), em sua obra **Além do princípio do prazer**, formula uma nova concepção sobre a economia psíquica ao reconhecer a existência de uma dualidade pulsional, que ele postula como pulsão de vida e de morte. Conforme Laplanche e Pontalis (1991), as pulsões de vida se estabelecem como uma ampla categoria pulsional que abarca tanto as pulsões sexuais, quanto as pulsões de autoconservação, designadas pela terminologia “Eros”. Já a pulsão de morte, noção a ser aprofundada no decorrer do artigo, refere-se a uma categoria de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida,

direcionada para a redução completa das tensões, ou seja, que reorienta o ser vivo para seu estado anorgânico inicial, também associada à tendência interior de autodestruição e à manifestação de agressão e destruição exterior. Partindo dessa hipótese, Freud (1920/2006) descreve que, em um fluxo libidinal livre, ambas seriam responsáveis pelo nível de excitação psíquica total, definido pela concretização ou não da busca por satisfação dessas pulsões. Em contrapartida, a obstrução pulsional pode acontecer mediante resistências e resultar na repressão da “possibilidade de prazer”, enquanto o campo pulsional é tomado por um desprazer perceptivo.

Ao deparar-se com o excessivo de desprazer, relativo aos estímulos pulsionais internos, o aparato psíquico tende a se defender como se fossem estímulos externos. Por essa razão, o aparelho psíquico coloca em segundo plano o princípio do prazer e se volta para a urgência de dominar os estímulos internos, que transbordam o psiquismo e de estabelecer ligações entre as energias que compõe esse fluxo livre de excitações (Maia, 2003).

Ao constatar a impossibilidade de impedir que a inundação excitatória no campo mental aconteça, Freud (1920/2006) considera que os esforços do aparelho psíquico se voltam para a tentativa de domínio e vinculação desses estímulos, como o prazer e desprazer, que seguem um fluxo pulsional livre no aparelho mental, sempre orientados para a satisfação pulsional e para a descarga dos níveis de tensão e desequilíbrio da vida intrapsíquica.

Freud (1920/2006) argumenta que a pulsão, apesar de reprimida, não cessa esforços em busca da satisfação completa e, com isso, introduz sua teoria sobre a compulsão à repetição. Segundo ele, a compulsão seria justificada pela tendência de as pulsões, através da repetição, realizarem uma experiência primária de satisfação. Entretanto, ele reflete que, na compulsão à repetição, experiências do passado que não representam oportunidades de obtenção de prazer e satisfação pulsional também reincidem na consciência. Nesse sentido, ele sugere que:

[...] chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos

instintuais que desde então foram reprimidos (Freud, 1920/2006, p. 14)

Após a Primeira Guerra, a reflexão acerca do papel da compulsão à repetição no psiquismo de soldados egressos da guerra, torna-se essencial para que Freud (1920/2006) reconheça um novo modelo de sofrimento neurótico, decorrente da invasão pulsional no campo libidinal. Tomado por esse excesso de energia, o aparelho psíquico se encontra incapaz de realizar uma elaboração psíquica, abrindo a possibilidade de uma desestruturação do Eu a partir da ameaça à sua integridade. Laplanche e Pontalis (1991), descrevem a concepção freudiana de elaboração psíquica como sendo o trabalho exercido pelo aparelho psíquico para transformar o registro econômico em registro simbólico, ao dominar e estabelecer ligações de estímulos com o psiquismo, de forma a integrar essa energia ao grande complexo de associações e evitar efeitos traumáticos, derivados da acumulação de excitações não integradas ao psíquico.

Na ausência de elaboração, uma reação psíquica defensiva é evocada por meio da elevação dos níveis de excitação, ou seja, um aumento da catexia psíquica, na tentativa de suprir o impacto da ruptura sofrida e garantir a manutenção da estabilidade econômica do aparelho mental. O fenômeno das neuroses traumáticas se origina a partir da ruptura de um escudo protetivo do Eu em um psiquismo que se encontra com reduzida energia de repouso para atuar diante de uma invasão excitatória de alta intensidade (Maia, 2003).

Dessa forma, um novo paradigma se cria quanto à possibilidade de o aparelho psíquico se proteger, não mais exclusivamente dos estímulos externos, mas principalmente de estímulos pulsionais internos. Todavia, o aparato psíquico não pode se defender desses estímulos do mesmo modo. Sendo assim, ao se deparar com estímulos internos que representem um aumento excessivo de desprazer, a tendência psíquica é de tratá-los como se fossem externos (Maia, 2003). A partir desse entendimento, surgem as seguintes postulações:

Primeiramente, os sentimentos de prazer e desprazer (que constituem um índice do que está acontecendo no interior do aparelho) predominam sobre todos os estímulos externos. Em

segundo lugar, é adotada uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzam um aumento demasiado grande de desprazer; há uma tendência a tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas (Freud, 1920/2006, p.20).

Nesse sentido, perante uma invasão pulsional, o aparelho psíquico eleva sua energia catéxica a fim de se proteger. Com isso, uma energia ‘anticatexíca’ é despertada, em forma de deslocamentos catéxicos para manter a regulação da economia psíquica. Para que isso aconteça, simultaneamente há um rebaixamento gradual do funcionamento dos demais sistemas psíquicos, conduzindo-os a um empobrecimento ou até mesmo à paralisação de suas funções (Freud, 1920/2006).

Com relação ao livre fluxo de energias que compõe o campo psíquico, o prazer corresponderia à diminuição da quantidade da excitação total, enquanto seu aumento e consequente o estado de tensão estaria atrelado ao desprazer, inerente à insatisfação das pulsões. Assim, a teoria freudiana compreende o prazer e desprazer como tópicos associados à quantidade de excitação mental, ambos na forma de energias ‘desvinculadas’. A catexia busca justamente transformar o fluxo dessa excitação livre em uma energia vinculada ao psiquismo, ou seja, em uma catexia quiescente (Freud, 1920/2006).

Ao acompanhar os pacientes advindos dos traumas da guerra, Freud (1920/2006) percebeu que os sonhos, que anteriormente eram postulados como condutores de realização dos desejos inconscientes, considerados como fenômenos submetidos ao princípio do prazer, não realizavam funções semelhantes para aqueles acometidos pela neurose traumática. A construção de uma nova visão sobre o aparelho mental, que funcionaria independente do princípio do prazer, como algo mais primitivo, alicerçou-se em estudos de Freud, assim como a apreciação dos sonhos nas neuroses de guerra e a compreensão do fenômeno de compulsão à repetição⁴.

⁴ A compulsão à repetição em Freud se refere à repetição de experiências antigas e penosas, sem que haja recordação do evento central que deu origem às mesmas. Assim, impulsionado pelo próprio inconsciente, o indivíduo repete compulsivamente experiências psíquicas antigas como se fossem atuais, à medida em que não há elaboração do conteúdo vivido à nível consciente (Laplanche e Pontalis, 1991).

A partir da percepção de que os sonhos na neurose traumática com frequência traziam as cenas do trauma à tona, que o psicanalista se questionou sobre qual seria o papel desse trajeto onírico. Assim, concebeu-se que haveria ali, nos sonhos, uma tentativa de dominação dos estímulos retrospectos, nos quais se apresentava a ansiedade, omitida na situação traumática, circunstância através da qual se constituiu a neurose traumática em si mesma (Freud, 1920/2006). Tais observações de Freud culminaram na definição da pulsão de morte, detalhada em sua obra **Além do princípio do prazer** (1920/2006), na qual os eventos sexuais não mais representariam o trauma em uma lógica alinhada apenas a realidade. A partir desse momento o trauma passou a ser relacionado à dualidade pulsional e à dimensão “psíquica conflitiva defensiva” (Maia, 2003).

3 O TRAUMA

No campo dos estudos relacionados ao trauma, Freud (1920/2006) ressalta a relevância do ‘susto’, resultado da baixa catexia, que, por sua vez, decorre de um estado prévio de despreparo psíquico, no qual os sistemas mencionados não estão em posição propícia para vincular a excitação afluyente. Além disso, os sistemas mais expostos e primeiros a estabelecer contato com estímulos externos não se encontram em estado de hipercatexia. Assim, esses elementos que compõem o aparelho mental não estão sequer preparados para a ansiedade ao receber os estímulos, inclusive do susto, o que facilita a ruptura do escudo defensivo do “Eu”.

Melanie Klein, psicanalista e seguidora de Freud, realizou sua primeira grande sistematização da teoria psicanalítica, ao conceituar a posição maníaco-depressiva e a esquizoparanoide, a partir da especulação sobre as ansiedades persecutórias e depressivas flutuantes e características da vivência psíquica infantil. Melanie Klein (2023) se fez influente e importante na psicanálise a partir de formulações teóricas inovadoras, fruto da experiência técnica na análise de crianças e estudos dos estágios pré-genitais, do componente da agressividade na constituição psíquica e das relações de objeto arcaicas.

Melanie Klein (2023) aponta para a relação arcaica do Eu com o impulso destrutivo parte da ligação feita entre esse e um objeto, temido como presença incontrolável e dominadora que paira em sua existência. O fato de o Eu arcaico estabelecer interação com a ansiedade, que surgiria justamente a partir da atuação da pulsão de morte no organismo, resultando em temores do Eu diante da percepção do sentimento de medo de estar sendo perseguido e do medo de ser aniquilado, ambos vivenciados como medo incontrolável de um objeto dominador, tratando-se, na verdade, da ameaça do impulso destrutivo que compõe as estruturas em formação do Eu. Assim, o medo de perseguição e aniquilação são característicos de uma posição esquizoparanoide, descrita por Melanie Klein como uma das duas posições psíquicas relacionadas às ansiedades e defesas atuantes na infância, na qual “a ansiedade prevalente é a de natureza persecutória e o mecanismo mental predominante é a cisão.” (p.13, 2023).

Em resposta à própria ansiedade de se deparar com os direcionamentos da pulsão de morte, esse organismo desenvolve mecanismos e defesas próprias de seu funcionamento vital. Assim, ele projeta parcialmente esse impulso destrutivo para um objeto externo inicial. Todavia, a porção restante desse impulso permanece vinculada internamente através de sua estrutura libidinal. A ansiedade proveniente do medo de estar sendo perseguido internamente, sob risco e ameaça de destruição, permanece exercendo pressão sobre o Eu, que sofre com a tendência de perder a coesão de si (Klein, 2023).

Ao comparar o contexto de guerra com os tempos de paz, Freud (1920/2006) sugere que, na neurose de guerra, os soldados encaram o perigo constante da morte; enquanto, na neurose traumática, existiria uma ameaça em níveis sutis sentida pelo risco de perder a própria integridade psíquica. Maia (2003) considera a impossibilidade de um indivíduo acessar o recurso da angústia como forma de se aparelhar para um choque, um fator decisivo para configurar o acontecimento traumático. No que diz respeito à angústia:

Por analogia às neuroses de guerra, podemos dizer que o psiquismo precisa de um pequeno exército de defesa em atenção constante. A angústia funciona como uma sentinela que dará o sinal para que este

possa se preparar para a defesa. Como no trauma devido ao fator surpresa, a angústia não é ativada, o psiquismo é pego desprevenido sem um exército que o proteja (Maia, 2003, p. 104).

Ao relacionar o contexto histórico do ser humano com as vivências psíquicas, Maia (2002) aponta para as crises da pós-modernidade como resposta à modernidade. De acordo com ela, configurou-se, nesse período, uma tentativa de combater a possível existência de ambiguidades, através de um projeto de purificação, classificação e ordenação social, por meio da negação da existência de fenômenos dicotômicos e ambivalentes. Bauman (2001) define a modernidade, ou modernidade sólida, como um momento de idealização e busca pela perfeição, através da tentativa de estabelecer um controle sobre a sociedade, exercendo completo domínio sobre o futuro da humanidade. Dessa forma, ele metaforiza:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (Bauman, 2001, p.8).

Assim, a pós-modernidade, representada pela liquidez, surgiria como resposta a esse período de solidez, na forma de uma mudança radical na dinâmica das interações humanas, atravessadas pela velocidade e aceleração do ritmo de vida, além da cultura da instantaneidade e do ilimitado, devido ao esforço para a quebra de resistências relativas ao espaço e tempo (Bauman, 2001). Esse período, portanto, corresponderia justamente a um sintoma, decorrente da regulação social moderna, no qual eclodiram manifestações psíquicas sintomatológicas frente aos paradigmas modernos, na forma de uma exacerbação das defesas psíquicas e afecções traumáticas. Com relação ao trauma:

Ao atribuir à experiência do nascimento a qualidade de trauma primordial gerador da primeira angústia, Freud modifica seu estatuto teórico: desloca-a do lugar de sujeição ao processo de recalque para determinante deste, abrindo assim a possibilidade de pensarmos o processo originário do psiquismo como traumático. Neste contexto, o

aspecto de realidade do evento traumático deixa de ter relevância, e os processos pulsionais passam a primeiro plano (Maia, 2003, p.113).

Conforme Maia (2003), a teoria do trauma desencadeou outras reformulações teóricas freudianas, como a reelaboração de estudos sobre a etiologia das neuroses e o desenvolvimento da própria concepção de recalque⁵, na segunda tópica sobre o desenvolvimento pulsional de Freud. Nesse sentido, os conteúdos traumáticos passaram a ser concebidos como representações inconscientes recalçadas a fim de defender o aparelho psíquico do acontecimento original traumático. Dessa forma, a insistência do psiquismo para integrar as experiências esquecidas e recalçadas sugere o funcionamento da compulsão à repetição como forma saudável de reconstituir a vivência do traumático, por meio da repetição das experiências, em processo de “fixação no trauma”.

Dessa forma, o traumático se faz ressurgir em uma constante presentificação, desligada de qualquer processo de elaboração, a partir de um imperativo de ação, ou seja, da compulsão à repetição. O caráter da compulsão destrutiva do trauma foge ao campo simbólico, ao mesmo tempo em que se presentifica através da angústia que não pode ser representada. Nesse sentido, diante da impossibilidade de elaboração do excesso de energia pulsional, proveniente do trauma, são despertadas defesas consideradas arcaicas e radicais que tentam realizar a manutenção da vida. Esse estado ocorre justamente em decorrência da escassez libidinal psíquica, responsável por fazer ligações entre uma energia indiferenciada e os conteúdos do aparelho psíquico (Cardoso, 2011).

Maia (2003) assinala dois níveis completos do trauma dessubjetivante: O primeiro diz respeito à economia psíquica vivenciada precocemente e de forma imprópria para as condições e possibilidades psíquicas do sujeito naquele momento. Já o segundo modelo de experiência traumática se instaura na dimensão simbólica, em casos em que a vivência é desautorizada ou desmentida. No segundo caso, uma violência insurge na vivência do

⁵ De acordo com Laplanche e Pontalis (1991), define-se Recalque como uma operação na qual o sujeito busca repelir ou manter inconsciente representações ligadas às pulsões, como pensamentos, imagens e recordações. Assim, o Recalque acontece em casos em que a satisfação pulsional se encontra suscetível de proporcionar prazer por si mesma, ameaçando desencadear desprazer perante outras exigências.

traumático, à medida em que o circuito de veiculação e compartilhamento de sentidos é rompido, assim como a atribuição de sentidos envolvidos no processo de subjetivação. Assim, a autora compreende também que a aprendizagem acontece a partir da união entre percepções de afetos de vitalidade e do discurso verbal, simbolizado pelo silêncio e pela fala:

Como vimos em outro momento, os processos de significação só atingirão sua forma plena, polissêmica, se houver um laço entre linguístico e não-linguístico, ou seja, entre aquilo que é narrado verbalmente e aquilo que é narrado através dos gestos, do tom, da expressão afetiva e corporal (Maia, 2003, p.152).

Por fim, Maia (2003) ressalta que o trauma adquire a qualidade de patológico quando, para além dessa dupla mensagem, o meio é incapaz de acolher e validar a denúncia com relação ao traumático, de forma discrepante àquilo que é percebido pelo sujeito através das vias de transmissão de afetos e dos discursos. Nesse sentido, a elaboração de uma teoria que compreende o material psíquico como constituinte do traumático e não mais como um corpo estranho, isolado e intruso ao psiquismo, relacionou as representações inconscientes do sujeito ao fenômeno do trauma. Alteraram-se paradigmas relativos à própria teoria psicanalítica freudiana após a descoberta do recalque, momento em que se investiu no processo terapêutico voltado para a elaboração das vivências.

Contudo, para além da postulação freudiana nas especulações que relacionam o recalque e o traumático, as contribuições kleinianas colaboraram para o entendimento de mecanismos de defesa arcaicos, que são ativados no contexto do trauma, visando essencialmente a proteção do Eu. Assim, na eminência de uma invasão pulsional de alta intensidade excitatória, o Eu lança mão de defesas, que podem interferir na própria coesão de sua estrutura psíquica. A seguir, as relações entre mecanismos de defesa arcaicos trabalhados na obra de Melanie Klein e o fenômeno de desestruturação psíquica serão mais bem esclarecidos, a fim de identificar os componentes que podem afetar a integridade do psiquismo, diante da presença de impulsos destrutivos na vida psíquica.

4 A DESESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA

Os mecanismos de defesa adotados desde o início da constituição da vida descritos por Klein (2023), que atuam na defesa do Eu contra a ansiedade, costumam ser a projeção, originada a partir da deflexão da pulsão de morte para o exterior, como forma de afastar as figuras “más”, e a introjeção, do objeto “bom”, como estratégia para fortalecer o interior e, por fim, a cisão do objeto e do Eu, que envolve o mecanismo de negação e da gratificação alucinatória.

No processo de negação da realidade psíquica, parte-se de uma negação onipotente da existência do objeto “mau” e a negação da frustração e dor sentidas, assim como de suas origens. Para o inconsciente, a negação de uma relação de objeto, corresponderia à aniquilação provocada pelo impulso destrutivo. Além disso, a negação de uma situação e de um objeto estaria vinculada à aniquilação de uma parte do próprio Eu (Klein, 2003).

Ao descrever o Eu arcaico, Klein (2023) aponta para duas tendências relacionadas ao estado de coesão, sobre as quais afirma haver flutuações naturais ao desenvolvimento do bebê, ainda que transitórios. Nesse sentido, a alternância entre a desintegração e a integração do Eu é tida pela psicanalista como parte dos primeiros momentos de vida. Com isso, o Eu inicia um processo de diferenciação interna com relação ao exterior e simultaneamente ativa processos de cisão intrapsíquicos para se proteger. Contudo, o destino saudável do Eu ao longo de sua formação pode ser prejudicado por esse mecanismo de cisão, que tem por objetivo proteger o Eu da ansiedade.

A cisão do Eu no momento inicial da vida pode advir da cisão ativa de um objeto externo com qual se relaciona. Como consequência da fantasia de cindir ativamente o objeto, o impacto é sentido como real, o próprio Eu se torna alvo do mesmo mecanismo de cisão e consequente isolamento de sentimentos, relações e nos futuros processos de pensamento. A cisão do objeto implica a desintegração do Eu e a dispersão do impulso destrutivo, que passa a representar riscos e ameaças para a estrutura do Eu (Klein, 2023).

Acredito que o ego é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele. Desse modo, as fantasias e sentimentos sobre o estado do objeto influenciam

vitalmente a estrutura do ego. Quanto mais o sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto e quanto mais o objeto é sentido como estando em pedaços, mais o ego corre perigo de cindir-se em correspondência aos fragmentos do objeto internalizado (Klein, 2003, p. 28).

Outros mecanismos de defesa contra a ansiedade estão presentes nos períodos iniciais da constituição humana, os quais, de acordo com Klein (2023), moldariam as relações entre interior e exterior, sujeito e objeto. Trata-se de uma interrelação entre o mecanismo de introjeção e o de projeção. O primeiro se trata de uma introjeção do objeto bom, exterior a si, enquanto o segundo ocorre na tentativa de expulsar do interior o que é percebido como mal, através da deflexão da pulsão de morte para o meio externo.

A partir disso, conclui-se que ambas atuam a serviço do objetivo primário do Eu: a superação da ansiedade. No entanto, a excisão de elementos da estrutura do Eu para o mundo exterior, ao realizar uma expulsão de forma excessiva, conduz ao enfraquecimento e empobrecimento do Eu, que sofre com a perda de componentes como a agressividade relativa à personalidade e aos sentimentos vinculados a potenciais relevantes para a própria constituição mental (Klein, 2023). Apesar de seu caráter protetivo, a ativação dos mecanismos de defesa tais como a negação, a identificação projetiva e a cisão, podem repercutir negativamente na interação entre o mundo interno e externo do sujeito, enveredando possível desestruturação psíquica.

Com isso, são cindidos e projetados para o mundo externo qualidades estruturantes do Eu, assim como o imprescindível componente agressivo dos sentimentos e da personalidade, profundamente associado a poder, força, potência e conhecimento (Klein, 2023).

Todavia esse ego enfraquecido se torna incapaz de assimilar seus objetos internos, e isso conduz ao sentimento de ser governado por eles. Novamente, esse ego enfraquecido se sente incapaz de tomar de volta para si as partes por ele projetadas no mundo externo (Klein, 2023, p. 34).

Nesse sentido, para Klein, a extensão de partes do Eu para o mundo externo, assim como a excisão de suas partes boas, direcionadas para fora como forma de representações externas sobre outras pessoas, cria condições para uma dependência exagerada com relação ao meio. Além disso, como

consequência desse processo, o sujeito cindido pode experimentar dúvidas com relação à sua própria capacidade de amar, visto que, estabelecida a dinâmica de identificação projetiva, a percepção do sentimento sobre o objeto amado interage com o fato de o mesmo ser um representante do próprio Eu.

De acordo com Klein (2023), nos escritos de **Notas sobre alguns mecanismos esquizoides**, a manifestação da ansiedade, em casos de pacientes cindidos, é considerada de natureza extremamente grave. Essa ansiedade é conservada sob latência, através de um artifício de dispersão. Por outro lado, equivaleriam à ansiedade os sentimentos de desintegração, a sensação de uma personalidade perdida, a impressão de incapacidade para experienciar emoções e a percepção de relações incertas e vagas. Desse modo, ela elucida sua teoria a partir de relatos sobre a sessão com um de seus pacientes:

O paciente excindiu aquelas partes de si mesmo, isto é, do seu ego, que ele sentia como perigosas e hostis em relação ao analista. Desviou de seu objeto para seu ego seus impulsos destrutivos, com o resultado de que partes de seu ego deixaram temporariamente de existir. Na fantasia inconsciente, isso correspondia ao aniquilamento de parte de sua personalidade. O mecanismo específico de voltar o impulso destrutivo contra uma parte da sua personalidade, e a consequente dispersão das emoções, mantinha sua ansiedade em estado latente (Klein, 2023, p. 43)

Ademais, a autora comenta que, em inúmeras circunstâncias de ansiedade, a identificação projetiva se faz presente como base. Assim como a fantasia da entrada violenta no objeto externo e a tentativa de controle do mesmo por partes do Eu que foram cindidas, as consequências relativas à introjeção também impactam fortemente o sujeito. O medo de sentimentos de perseguição interna e penetração violenta na introjeção e reintrojeção desse objeto, reforça as elucubrações sobre o caráter de periculosidade do objeto para o Eu. Assim, a introjeção pode também ser sentida como uma irrupção violenta no interior, como reação de represália à projeção violenta, despertando

o medo do próprio corpo e mente serem controlado com hostilidade por outras pessoas (Klein, 2023).

Com isso, a introjeção de objetos bons relacionados ao desempenho de funções do Eu é inviabilizada ou gravemente prejudicada, assim como o desenvolvimento sexual. Esse contexto viabilizaria uma retirada excessiva do sujeito para o mundo interno, mais precisamente para o objeto interno idealizado, não apenas pelo medo de introjeção em um mundo externo, mas pelo medo de seus “perseguidores internos”. Portanto, Klein aponta para a grande importância que os processos de excisão e projeção de partes do Eu possuem no estabelecimento de relações de objeto e desenvolvimento saudáveis (Klein, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma pesquisa sobre a desestruturação psíquica como consequência de episódios traumáticos experimentados pela humanidade em contextos de guerras mundiais ou em graves conflitos sociais e familiares, parte da preocupação com as formas de subjetividade que se apresentam na contemporaneidade. Destaca-se especialmente o olhar da pesquisa sobre a possibilidade de evitar as marcas do adoecimento narcísico em personalidades ainda em desenvolvimento, através de práticas que favoreçam a elaboração psíquica perante situações traumáticas. Em meio à lógica macropolítica de estímulo à passividade do Eu para sustentar a cultura do consumo e do capital, a dinâmica intrapsíquica vem sofrendo com o esvaziamento simbólico, empobrecimento da dimensão linguística, fantástica e subjetiva.

A revisão de literatura entorno de obras clássicas esteve aliada a análise de obras de autoras contemporâneas que promoveram releituras das teorias originais, associando-as à atualidade. Assim, as possibilidades de constituição psíquica teorizadas por Freud após a Primeira Grande Guerra, dialogam com feridas narcísicas atuais, que estão vinculadas às características de um cenário global distinto.

O problema que impulsionou a discussão da pesquisa através de estudos sobre a dualidade pulsional, o traumático e a desestruturação psíquica, visava entender como os mecanismos de defesa do Eu, frente ao trauma,

poderiam afetar a integridade da estrutura psíquica. Assim, a hipótese levantada sobre a associação entre a desestruturação do Eu e os mecanismos de defesa pode ser feita, porém sob entendimento de que circunstâncias e quais mecanismos de defesas estariam envolvidos. Assim, sob influência de ameaças pulsionais internas, a dimensão psíquica conflitiva defensiva, em meio à invasão pulsional do aparato psíquico é capaz de ativar defesas arcaicas, como a negação, a cisão e identificação projetiva, que conferem estados de desintegração do Eu.

Por fim, é pertinente assinalar a importância do processo de elaboração psíquica nas dinâmicas pulsionais intrincadas no fenômeno do trauma. Assim, diante da ameaça da desestruturação psíquica, é possível traçar estratégias, no campo da psicologia, afim de garantir amparo e acolhimento necessários para a condução de um processo terapêutico direcionado para a integração e simbolização de eventos traumáticos desvinculados do psiquismo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARDOSO, M. Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-82, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000100005>. Acesso em: 22 mai. 2024.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 18, p. 3-42.

FREUD, S. Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11-98, 2014.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 430-433, 1991.

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 12, p.296-313, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483.

MAIA, M. S. Angústia de vida, angústia de morte: sobre os processos de subjetivação e contemporaneidade. In: BESSET, V. L. Angústia. São Paulo: Escuta, p. 90-103, jul. 2002.

MAIA, M. S. Extremos da alma: dor e trauma na atualidade clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. Inveja e gratidão e outros ensaios. São Paulo: Ubu Editora/Imago, p. 19-49, 2023.

KLEIN, M. Ansiedade latente em pacientes esquizoides. In: _____. Inveja e gratidão e outros ensaios. São Paulo: Ubu Editora/Imago, p. 19-49, 2023.